

2^{as} JORNADAS, DE TOPONIMIA DO SUL

Albufeira
28 de Fevereiro 2008
AUDITÓRIO MUNICIPAL
DE ALBUFEIRA



ÍNDICE

- 3 **PREFÁCIO**
- 5 **TOPONÍMIA E HISTÓRIA: IDENTIDADE E MEMÓRIA**
- 9 **A VIAGEM DE IBN AMMÂR DE SÃO BRÁS A SILVES**
 - UMA RECONSTITUIÇÃO INTERDISCIPLINAR
- 12 **TOPONÍMIA, CÓDIGO POSTAL E GEOMARKETING**
- 20 **A TOPONÍMIA NOS MAPAS INTERACTIVOS DO ALGARVE**
- 26 **RECOLHA E ACTUALIZAÇÃO DE TOPONÍMIA INTEGRAÇÃO**
 NO SISTEMA DE NAVEGAÇÃO NDRIVE
- 32 **A COMISSÃO DE TOPONÍMIA DE ALBUFEIRA**
- 41 **TOPONÍMIA COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO**
- 45 **LISBOA: NAVEGAR, NAVEGAR PELAS RUAS, TRAVESSAS E BECOS**
- 51 **BALANÇO DA COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA**
- 56 **“ SAUDAÇÃO À MESA, E À ASSISTÊNCIA”**
-

PREFÁCIO

As II Jornadas de Toponímia do Sul foram um sucesso, não só pela grande participação humana, estiveram presentes duas dezenas de comissões de toponímia de todo o país num total de cerca 200 participantes, mas porque novamente se notou que fazia falta este tipo de encontros, para que a Toponímia fosse abordada na primeira pessoa, dentro das diversas disciplinas que a constituem e fazendo jus ao seu conceito actual que se quer moderno. Tendo tido estas II Jornadas como objectivos, apurar as dificuldades das autarquias no que se refere à aplicação de regulamentos e leis que regem a actividade, fazer um levantamento geral das necessidades e perspectivas futuras da Toponímia no nosso País e, o reafirmar da interdisciplinaridade da Toponímia, com clara e estreita ligação à História, à Geografia, à Informática entre outras. Considero que foi uma aposta ganha, esta forma de juntar especialistas na matéria, e o público em geral, que surgiu de uma necessidade intrínseca que a Comissão Municipal de Toponímia de Albufeira tinha e tem, de explorar novas perspectivas em várias áreas no âmbito da Toponímia e, a vontade de um partilhar de experiências com outras Comissões Municipais, com o pensamento de que em conjunto, descobrem-se sempre novas potencialidades e novos meios, para superar determinadas questões com a Toponímia relacionadas. Tem o Município de Albufeira o prazer, neste livro de actas, de apresentar os temas e respectivos conteúdos, que foram abordados nas II Jornadas de Toponímia do Sul.

O Vereador
Carlos Quintino

TOPONÍMIA E HISTÓRIA: IDENTIDADE E MEMÓRIA

António J.C. Maia Nabais (museólogo e historiador)

“Os nomes modernos, sem a impregnação das vivências pessoais, são arremedos dos de outrora. Estes eram, sim populares e dependiam dos hábitos e das profissões.”

(Hélder Pacheco)

Este texto não passa de uma breve reflexão sobre a toponímia que procura relevar a importância que tem em várias áreas disciplinares, nomeadamente, na linguística, na arqueologia, na história, na geografia, na geologia, na botânica, na flora, no património e na museologia.

A toponímia define-se como estudo dos nomes de lugares habitados ou não¹ e de sítios, países, ruas e caminhos ou a designação das localidades pelos seus nomes², e o estudo linguístico ou histórico da origem dos nomes das localidades³.

A palavra toponímia não consta do Dicionário da Língua Portuguesa do P. e Rafael Bluteau do séc. XVIII, nem no Dicionário de António de Moraes e Silva, no início do séc. XIX. É uma área disciplinar contemporânea, desenvolvida em Portugal sobretudo a partir do início do século XX, com J. Leite Vasconcellos.

A toponímia, para além de na actualidade ser vista sobretudo, como um instrumento fundamental para a identificação de moradas dos habitantes de uma cidade, de uma vila ou de uma aldeia, tem igualmente outras funções, tais como: o registo da história de aldeias, bairros, ruas e praças (monografias), a homenagem a individualidades que se distinguiram pelas suas obras (biografias). De facto,

«O modo como são indicados e conhecidos os diversos lugares duma região não é indiferente para a História e não resulta do acaso, do capricho ou da vontade singular de quem quer que seja – mas directa ou indirectamente do consenso popular.

A necessidade, para a indispensável eficácia das relações sociais e económicas, de fixar a cada um dos sítios da terra específica designação que o distinga dos outros é idêntica à de prender a cada ser humano um nome próprio que o diferencia dos seus semelhantes»⁴

1. Existem muitos lugares desabitados e onde apenas ficou como memória o topónimo e alguns vestígios arqueológicos; outros ficaram submersos pelas barragens hidroeléctricas do século XX.

2. Enciclopédia Luso-Brasileira, Verbo

3. Dic. Prático Ilustrado, Lello Editores

4. BRAZ, Henrique. (1985). *Ruas da Cidade (Notas para a Toponímia da cidade de Angra, da Ilha Terceira) e Outros Escritos*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 247.

O mesmo autor define o significado e valor:

«O estudo dos nomes locais, que se chama toponímia, não é, portanto, somente curioso pelos enigmas e problemas que traz implícitos e pelas hipóteses e conjecturas, mais ou menos fantasiosas e fúlgidas, a que se presta, mas é útil pelos elementos que fornece à história e política do meio em que se exerce, pelas achegas que pode carrear para a reconstituição duma recuada época da vida dum povo»⁵

Os moradores eram gente prática, concreta e objectiva. Viviam e sentiam as coisas e os sítios e assim os baptizavam. Depois a tradição fazia o resto.

A designação das ruas, travessas, azinhagas, becos, praças, avenidas, alamedas provem duma qualquer particularidade, profissão, nome ou apelido patronímico, fidalguia, acção relevante para a terra ou a existência de um monumento. Muitas vezes, os acontecimentos das ruas ou lugares ou os monumentos aí existentes davam-lhes a designação.

O etnólogo J. Leite de Vasconcellos no Vol. II da Etnografia Portuguesa⁶ oferece-nos elementos importantes para compreender a toponímia usada em Portugal. Assim, explica-nos que existem inúmeros nomes resultantes da agricultura, considerada em suas diferentes formas, como a horticultura e a viticultura: Meda, Horta, Linhares, Milhais, Pomares, Vidago, Vinhais, Arruda dos Vinhos... Bem como reflexos das águas (Olhos de Água, Lagoas, Cerro de Água, Poço das Canas...), das praias (Praia dos Pescadores, Praia Grande, Prainha, Praia dos Penecos, Praia da Falésia, Praia da Galé...), de animais (Raposa, Raposeira...), da configuração do solo (Vale da Ursa, Montes Juntos, Vale de Parra, Vale de Rabelhe, Vale de Santa Maria, Monte...), de animais (Ossais, Lobeira, Vale de Lobos...), das fortificações (Torre Velha, Ponta do Castelo...), da organização da sociedade (Sesmaria, Reguengo, Albergaria...), do clima e seus elementos (Mesão Frio, Graciosa, Soalheira...).

Pode-se, igualmente relacionar a toponímia com as profissões tradicionais (agricultor, abegão, cesteiro, tanoeiro, ferrador, oleiro, campino, ferreiro, carpinteiro, o pescador), com as lendas, as tradições, os saberes e memórias.

No estudo da toponímia também é necessário ter em conta a politização dos nomes. A este propósito, R.H. Pereira de Sousa afirma⁷:

1. Id., *Ibid.*, p. 248

2. VASCONCELLOS, J. Leite de. (1936). *Etnografia Portuguesa*, Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

3. SOUSA, R.P. Pereira de. (1985). *Almada. Toponímia e História das Freguesias Urbanas*. Almada: Câmara Municipal, p. 39.

«Em Almada, como em toda a parte, a toponímia urbana introduzida por via oficial é, por natureza, artificial e, na maioria dos casos, artificiosa por nela intencionalmente se reflectirem o gosto dos governantes e o das classes dominantes, preterindo-se os interesses do povo e os seus usos».

E continua:

«Seja qual for a época de inscrição dos topónimos as designações populares e tradicionais são sempre as primeiras a eliminar a substituir, predominantemente por antropónimos. E, de entre estes, com larga preferência pelas figuras políticas».

A toponímia apresenta-se de elevada importância para o estudo e conhecimento da história local. Os nomes das ruas testemunham a história das cidades, das vilas e aldeias. Pois ficaram registadas nas crónicas, romances, roteiros, tradições e lendas. É necessário, portanto, promover a elaboração de inventários da actualidade toponímica e da que entrou em desuso ou foi substituída, justificando as razões da sua mudança ou esquecimento. Esses estudos contribuirão para conhecer melhor a história local do nosso país: identificação de lugares e de sítios. Não só pode ficar apenas nas ruas, porque também as propriedades têm o seu próprio nome. A designação dos lugares ou vias de comunicação reflectem os valores culturais das populações, perpetuando a importância histórica de factos, pessoas, costumes, eventos e locais.

Ainda temos poucos dicionários de topónimos, embora algumas autarquias e historiadores tivessem iniciado este tipo de trabalho de pesquisa muito útil para os cidadãos locais e para os turistas. Urge pôr em prática este tipo de investigação, no âmbito da história local, porque muitos saberes que chegaram até nós não estão registados, apenas continuam na memória das pessoas que receberam essas heranças dos seus antepassados, e, hoje, têm dificuldades em as fazer passar para as novas gerações. Só um trabalho de investigação no terreno, com a participação das universidades será possível desenvolver esta tarefa com resultados rigorosos, como o que se está a fazer com o projecto museológico do Museu do Barrocal, em Paderne, com a participação da Universidade do Algarve na recolha de informações da vida quotidiana, das tradições, hábitos e actividades económicas tradicionais da região. Estes estudos oferecem elementos preciosos para os historiadores, arqueólogos e geógrafos que fazem estudos de investigação sobre a história local e o território nacional. Por outro lado, satisfazem a curiosidade da população local e dos seus visitantes, dando resposta a questões que os moradores colocam, nomeadamente, o

porquê do nome da rua, travessa ou beco, da praça, largo ou avenida onde residem. Num momento histórico, como o nosso, em que os testemunhos materiais e imateriais se apagam a um velocidade assustadora e sobretudo em áreas de grande expansão urbana, onde tudo se uniformiza, descaracterizando o local, urge preservar todos os testemunhos históricos, incluindo os topónimos, para garantir a identidade do lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- > *Actas das 1.as Jornadas de Toponímia do Sul*. (2007).
Albufeira: Câmara Municipal de Albufeira.
- > ADÃO, Dina, MIGUEL, Veterano e COSTA, Renato. (2005). *Albufeira - Passear e Conhecer*. Casal de Cambra: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, S.A.
- > AFONSO, Virgílio. (1984). *Toponímia Histórica da Guarda*.
Guarda: Câmara Municipal da Guarda.
- > AMADO, Adelaide. (1997). *Albufeira-Imagens do Passado*.
Albufeira: Câmara Municipal de Albufeira.
- > BRAZ, Henrique. (1985). *Ruas da Cidade (Notas para a Toponímia da cidade de Angra, da Ilha Terceira) e Outros Escritos*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.
- > MACHADO, José Pedro. (1980). *Ensaio sobre a Toponímia do Concelho de Oeiras*.
Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
- > *Património, Cultura e Gentes de Albufeira*. (2006).
Albufeira: Câmara Municipal de Albufeira.
- > PASTOR, Artur. (1965). *Algarve - Portugal*. Lisboa.
- > *Ruas do Seixal*. (1982). Seixal: Câmara Municipal do Seixal.
- > SERRA, Pedro Cunha. (1970). *Topónimos do Distrito de Aveiro, separata do vol. XXXVI do Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro.
- > SOARES, Manuel Lourenço. (1986). *Trafaria e Sua Toponímia*.
Cacilhas: Câmara Municipal de Almada.
- > SOUSA, R.P. Pereira de. (1985). *Almada. Toponímia e História das Freguesias Urbanas*.
Almada: Câmara Municipal.
- > VASCONCELLOS, J. Leite de. (1928). *Antroponímia Portuguesa*.
Lisboa: Imprensa Nacional.
- > VASCONCELLOS, J. Leite de. (1936). *Etnografia Portuguesa, Vol. II*.
Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

A VIAGEM DE IBN AMMÂR DE SÃO BRÁS A SILVES - UMA RECONSTITUIÇÃO INTERDISCIPLINAR

Maria Alice Fernandes. Universidade do Algarve

O poeta, cortesão e político *Abû Bacr Muhammad Ibn Ammâr* iniciou a sua vida pública muito jovem, por uma viagem entre a sua terra natal, Xanbras, e a então capital regional, *Xilb*.

Dessa viagem ficou o relato de um episódio da sua chegada à cidade de Silves, história digna das *Mil e Uma Noites* e de acordo com a dimensão trágica e maior-que-a-vida deste extraordinário personagem, que chegou a governador de Silves e a vizir de Sevilha, mas que acabaria assassinado em 1084, por traição, às mãos do próprio rei de Sevilha, *Almutamid*, seu amigo e benfeitor.

Aproveitando a realização das I Jornadas *As Vias do Algarve da Época Romana à Actualidade*, promovida pela Câmara Municipal de São Brás de Alportel em 2006, Abdallah Khawli, Luís Fraga da Silva e Maria Alice Fernandes apresentaram então uma comunicação sobre *A Viagem de Ibn Ammâr* de São Brás a Silves, que viria a ser publicada por aquela autarquia em 2007. A obra evoca essa viagem reunindo três abordagens de estudo distintas, mas complementares, sobre o cenário em que ela terá ocorrido: a história, a geografia histórica e a toponímia.

A abordagem histórica, da autoria do historiador Abdallah Khawli, assenta no estudo das fontes árabes. Com base nessas fontes, o autor descreve as origens e vivências de *Ibn Ammâr*, situando-as no contexto político da época. Seguidamente, compila as narrativas árabes da sua viagem a Silves, a incluída na antologia literária de Ibn Bassâm e a versão de *al-Marrâcuxî*, traduzidas e editadas, respectivamente, por Koroleva-Kapirina (1997) e Borges Coelho (1989). Através da revisão crítica das fontes, interpreta e identifica os nomes de lugar nelas atestadas. A fechar a obra apresenta, em apêndice, um glossário dos termos viários que deixaram vestígios na toponímia.

Mas as fontes árabes não contemplam nem a descrição da rede viária islâmica do Sul do *Gharb* nem a do itinerário de *Ibn Ammâr* de São Brás a Silves. Cabe ao geógrafo histórico Luís Fraga da Silva a sua reconstituição.

Na sequência dos seus estudos sobre a matriz viária milenar (ou pré-industrial) do Sul de Portugal, o autor começa por proceder à reconstituição da rede viária islâmica principal da região, sobrepondo a malha geopolítica da época sobre

a anterior rede viária romana. Os traçados efectivos são então reconstituídos a partir da topografia viária existente antes de 1755, reconstruída por sua vez a partir das fontes corográficas e cartográficas posteriores, de finais do século XVIII à década de 50 do século XX. A rede viária islâmica é posteriormente corrigida em função do ajustamento geográfico com os elementos corográficos de índole histórica e toponímica fornecidos, respectivamente, por Khawli e Fernandes.

Esse ajustamento permite, ainda, ao autor aferir a cronologia dos percursos reconstituídos através da datação linguístico-histórica dos seus lugares de passagem e, simultaneamente, determinar o mais adequado. Critérios geo-antropológicos (adequação das estradas, segurança, aprisionamento, distâncias e viabilidade da jornada a dorso-de-besta) fundamentam a sua selecção de um “itinerário óptimo” entre São Brás e Silves na época de *Ibn Ammâr*. Fraga da Silva sintetiza a sua análise numa série de tabelas e mapas ilustrativos.

A maioria dos lugares de passagem do itinerário considerado também não se encontra atestada, por se tratarem de lugares sem estatuto político-administrativo ou relevância geográfica que justifique a sua menção documental. A identificação dos topónimos compatíveis com a cronologia da viagem é da responsabilidade da linguista Maria Alice Fernandes.

O seu estudo toponímico assenta nos seguintes princípios: um nome de lugar radica num nome comum (ou próprio, no caso dos antropotopónimos) usado por uma comunidade linguística numa dada época e é motivado pelas características físicas do território ou pelas suas formas de ocupação; aquando da sua cristalização, um nome de lugar é portador de elementos que a língua mantém vivos nesse momento, pelo que o topónimo pode permanecer à margem da evolução posterior do nome comum que lhe deu origem ou conservá-lo, caso ele tenha caído em desuso; em caso de bilinguismo, pode ocorrer a adaptação formal e semântica do topónimo à língua dominante, o seu hibridismo, a sua tradução ou mesmo a sua substituição por outro com origem nessa língua.

Em função destes pressupostos, Maria Alice Fernandes começa por apresentar uma introdução em que descreve o contexto sociolinguístico que condicionou a configuração da toponímia da região em época islâmica e expõe a metodologia seguida na reconstituição da história linguística e extra-linguística dos nomes de lugar considerados.

A história linguística é reconstruída com base na identificação da origem etimológica dos topónimos (pré-latina, latina e árabe) e das evoluções formais e semânticas por eles documentadas, bem como no reconhecimento das mudanças atribuíveis à sua arabização ou romanceamento. Essa reconstituição é sustentada, sempre que possível, por atestações de formas primitivas ou intermediárias

dos topónimos e dos nomes comuns na sua origem e fundamenta-se nas características históricas do latim vulgar, do árabe andaluz e dos romances hispânicos (nomeadamente o moçárabe e o galego-português). É a história linguística dos topónimos que permite à autora estabelecer ou propor a cronologia da sua fixação.

Para a reconstituição da história externa, Fernandes recorre a dados fornecidos por disciplinas auxiliares da toponímia, como a história, a geografia, a arqueologia, a etnografia ou a botânica, consoante o significado e o referente do topónimo. São esses dados que lhe permitem identificar as circunstâncias que originaram os lugares e as respectivas denominações e, ao mesmo tempo, aferir a estratigrafia proposta pela análise etimológica.

A história de cada um dos topónimos é sistematizada pela autora em verbete próprio, que é identificado através da forma ortográfica actual do topónimo e ordenado pelo seu número de localização cartográfica.

Partindo de fontes distintas e explorando metodologias diferentes, as três abordagens descritas viabilizaram uma reconstituição sólida do quadro geográfico islâmico da região e, sobre ele, uma conjectura fundamentada do trajeto seguido pelo poeta na sua famosa viagem.

TOPONÍMIA, CÓDIGO POSTAL E GEOMARKETING

Sofia Fava, CTT Lisboa

AGENDA

- Toponímia Portuguesa
- Indicações CTT para uma toponímia unívoca
- Tipologias existentes na Base Nacional de Endereços
- Problemas de Endereçamento
- Código Postal - Codificador Nacional
- Produtos Código Postal – Família GeoScout

TOPONÍMIA PORTUGUESA - INDICAÇÕES CTT PARA UMA TOPONÍMIA UNÍVOCA

Alguns princípios básicos de toponímia com reflexos em melhor endereçamento e qualidade da entrega das correspondências:

A. Existir:

ou seja, qualquer habitação ter uma designação identificadora.

A. Ser inequívoca:

permitir a localização de moradas sem ambiguidade (p.ex. não haver ruas de igual nome na mesma localidade ou na mesma freguesia/concelho ou nomes que se prestem a confusão;

não haver vias com o nome de uma localidade ou freguesia).

Tentar não utilizar designações que apenas difiram entre si pelo tipo de via (ex. Rua das Flores e Travessa das Flores;

Nomes de pronúncia semelhante devem ser evitados.

A. Ser estável:

Não alterar designações sem motivo de força maior, nunca reatribuir designações sem ter previamente deixado decorrer largo número de anos.

A. Nunca utilizar ou divulgar toponímia provisória.

Desde o início do projecto devem existir os topónimos definitivos (alterar mais

tarde é extremamente difícil) P.ex. nunca utilizar lote nº.....; apenas nº.....; não usar “Rua Projectada.....” ou “Urbanização...”

A. As designações serem tanto quanto possível curtas

(máximo de 3 nomes na designação de uma rua, na medida do possível) distintas entre si numa mesma localidade e mesma freguesia/concelho. Evitar designações numéricas ou com letras (não usar Rua “n” ou rua A)

A. Não usar mais que um designativo de tipo de via

como nome de via (p.ex. não usar “Travessa da Rua” ou “Rua da Calçada”)

A. Designar vias de acordo com regras geométricas

Uma via não ser de facto composta por vários eixos

Não deve ter descontinuidades

A numeração dos pares não ser intercalada com ímpares ou vice-versa e deve ser sequencial no sentido de uma progressão estipulada (p.ex. Sul-Norte, Este-Oeste), utilizando numeração par à direita do sentido crescente da numeração e ímpar à esquerda.

A. Ser facilmente visível e inscrita

de forma durável no tempo quer para designações de vias ou de portas. As ruas deverão ter inscrições identificadoras em cada lado do seu início e fim bem como nos cruzamentos e entroncamentos.

A. Constar de um ficheiro do município actualizado

com sistema adequado de manutenção (só assim se pode garantir a qualidade e coesão da informação) onde também estejam referidas as confinações (p.ex. Rua A começa no nº “m” da rua B e acaba no nº “k” da rua C), bem como a localidade e freguesia a que pertencem. Convém que também contenha todos os números de porta existentes e exista documentação cartográfica correspondente.

A. Convém utilizar algumas regras consensuais para designação de tipos de via.

Por exemplo reservar Avenida para vias largas, etc.

TOPONÍMIA PORTUGUESA (CTT) - 145 TIPOS DE VIA EXISTENTES

2ª Caridada	2ª Azinhaga	Afri	Canhão	Escadas	Marginal	Rufoada
2ª Rua	2ª Caridada	Arco	Canho	Escadinhas	Miradouro	Rua
2ª Transversal	2ª Rua	Arcamento	Canha	Escalões	Parada	Rua
2ª Travessa	2ª Transversal	Arteria	Carreirinha	Estrada	Praça	Suécia
2ª Vereda	2ª Travessa	Auto-Estrada	Carreirinho	Estrada Municipal	Praieiro	Tapada
2ª Vila	2ª Beco	Avenida	Carreiro	Estrada Nacional	Póvo	Terracinho
2ª Beco	2ª Azinhaga	Azinhaga	Casal	Estrada Regional	Ponte	Terras
2ª Quinta	2ª Transversal	Bairro	Corca	Garita	Praça	Transversal
2ª Impasse	2ª Travessa	Beco	Chão	Gruta	Praceta	Travessa
2ª Largo	2ª Beco	Boqueirão	Circular	Iha	Reformação	Travessinha
2ª Ramal	2ª Transversal	Cais	Circunvalação	Impasse	Quebra	Urbanização
2ª Azinhaga	2ª Travessa	Calçada	Corredor	Itinerário Complementar	Quebra	Variante
2ª Caridada	2ª Beco	Calçada	Corredoura	Itinerário Principal	Quilã	Vereda
2ª Rua	2ª Transversal	Calçada	Correiofeza	Jardim	Ramal	Via
2ª Transversal	2ª Travessa	Caminho	Courage	Ladeira	Rampa	Maduro
2ª Travessa	2ª Beco	Caminho Municipal	Descida	Ladeira	Rampinha	Mela
2ª Vereda	Acesso	Campo	Orca	Largo	Semáforo	Via
2ª Vila	Acesso	Campo	Encosta	Larguinho	Secta	Vista
2ª Facho	Acro	Canada	Entrada	Urvida	Vigiação	Zona
2ª Impasse	Alameda	Canalha	Escada	Uçalo	Verim	
2ª Largo	Arcamento	Canhota	Escadaria	Urbanismo	Via	

1ª Cabo	Bispo	Consel	Engenheiro Agrônomo	Juiz	Conselheiro Doutor	Pirro	Ranha
Abade	Bispo Conde	Contralmirante	Engenheiro Dom	Madame	Piloto	Ranha Dona	
Actor	Bispo Dom	Contramestre	Escultor	Madre	Pastor	Ranha Santa	
Actriz	Bombeiro	Coronel	Escultor	Madre Priora	Petora	Rator	
Advogado	Brigadeiro	Coronel Aviator	Escultor Mestre	Mestre	Protónico	Rator Padre	
Aferes	Cabo	Corregedor	Fraide	Mestre Aferes	Poeta	Santa	
Aferes Miliciano	Capitão	Craxado	Fraide	Major	Poeta Doutor	Santa	
Aferes Miliciano Doutor	Capitão Aviator	Deão	Fraide Dom	Major Doutor	Poeta	Sergente	
Almirante	Capitão Tenente	Deputado	Fraide Padre	Major Piloto Aviator	Policia	Sergente Ajudante	
Arcebispo	Capitão-Mor	Desembargador	Fundador Dom	Marchal	Presidente	Senador	
Arcebispo Dom	Cardel	Dom	Furol	Marquês	Primeiro Sergente	Senhor	
Arcebispo Monsenhor	Cardel Dom	Dom Abade	Furol Aviator	Marquês	Primeiro Tenente	Senhora	
Arcebispo	Cardel Patriarca	Dom Frei	Furol Miliciano	Martir São	Princesa	Soldado	
Arqueólogo	Chanceler	Dom	General	Médico	Princesa Dona	Soror	
Arquitecto	Chefe	Doutor	General Conde	Mestre	Princesa Santa	Sub-Tenente	
Artista	Comandante	Doutor Juiz	Governador	Mestre	Principe	Tenente	
Artista	Comandador	Doutor Padre	Guarda	Ministro	Prior	Tenente Aviator	
Aspirante	Comandador Padre	Doutor	Infanta Dona	Monsenhor	Professor	Tenente Coronel	
Auxiliar	Conde	Duque	Infante Dom	Margado	Professor Doutor	Tenente General	
Auxilares	Conde Dom	Duque Dom	Inspector	Navegador	Professor Doutor Dom	Tenente Médico	
Barão	Condessa	Duquesa	Intendente	Nossa Senhora	Professor Engenheiro	Tio	
Baroniss	Condessa	Embaixador	Im B	Nossa Senhora	Professor Pintor	Tio	
Barão Dona	Condessa	Embaixador Dom	Im B	Padre	Professor	Vendedor	
Barão	Condego	Embaixador Doutor	Im B	Padre Doutor	Professora Dona	Vice-Almirante	
Benemerita	Condego Doutor	Entenheiro	Im B	Padre Frei	Professora Doutora	Vigário	
Benemerita	Conselheiro	Engenheiro	Jacuita	Papa	Provedor	Visconde	
Benemerita	Conselheiro Doutor	Engenheiro	Juiz	Pastor	Provedor Frei	Viscondessa	

TOPONÍMIA PORTUGUESA (CTT) - TIPOS DE PORTAS EXISTENTES

- N Polícia
- N Polícia com Letras
- LOTES
- BLOCOS
- Números complexos
- Nomes (Centros Comerciais, Vivendas, Restauração, etc...)
- N°s métricos

TOPONÍMIA PORTUGUESA (CTT) - PROBLEMAS DE ENDEREÇAMENTO

- Utilização de nomes não oficiais
- Alterações de nomes de vias
- Alterações de nomenclatura de portas
- Liberdade aos moradores de criarem moradas "personalizadas"

DÚVIDAS

PROBLEMAS
GRAVES DE
ENDEREÇAMENTO

TOPONÍMIA PORTUGUESA (CTT)

- PROBLEMAS DE ENDEREÇAMENTO - EXEMPLOS CONCRETOS

- Rua do Farol;
- Bairro do Farol;
- Urbanização do Farol.



CÓDIGO POSTAL - CODIFICADOR NACIONAL

- Código Postal é tendencialmente unívoco para moradas localizadas no mesmo ponto CP7:
 - Praça Francisco Sá Carneiro -/- Praça do Areeiro
 - Praça Dom Pedro IV -/- Praça do Rossio
 - Praça do Comércio -/- Terreiro do Paço
 - Rua Gonçalves Zarco, 9 -/- Urbanização da Portela, lote 63

- A utilização de um Sistema de Informação Geográfica de Base para a codificação postal tem sido essencial para a eliminação de dúvidas e problemas

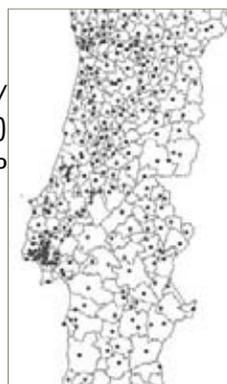
CÓDIGO POSTAL - GEO-REFERENCIADO



CÓDIGO POSTAL - FAMÍLIA GEOScout

Família GeoScout

- GeoIndex
 - Localização das coordenadas de CP
- GeoIndex Plus
 - Plus7 - Localização e Caracterização de CP7 (nº domicílios/ nº de comerciais / nº desabitados/ nº degradados)
 - Informação de caracterização complexa de domicílio e edificado agregado por CP7
- GeoIndex Locate
 - Localização aproximada ao CP7 de Moradas



- Área coberta Janeiro 2007
- Produtos GeoIndex
- 50% de CP's geo-referenciados



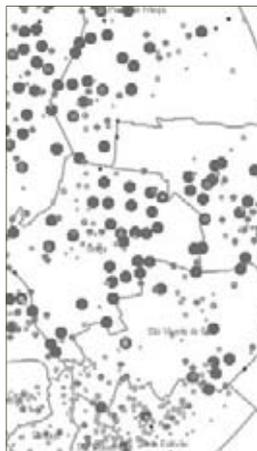
GeoIndex plus – Detalhe de conceito

CONCEITO DO PRODUTO

- A caracterização de CP7 por n° de domicílios, n° de alojamentos comerciais e n° de edifícios desabitados ou deteriorados é hoje um conhecimento detido pelos CTT;
- Pretende-se estender futuramente não só as classes de caracterização, bem como para um nível mais detalhado de dados: a Porta/Edifício.

BENEFÍCIOS PARA O CLIENTE

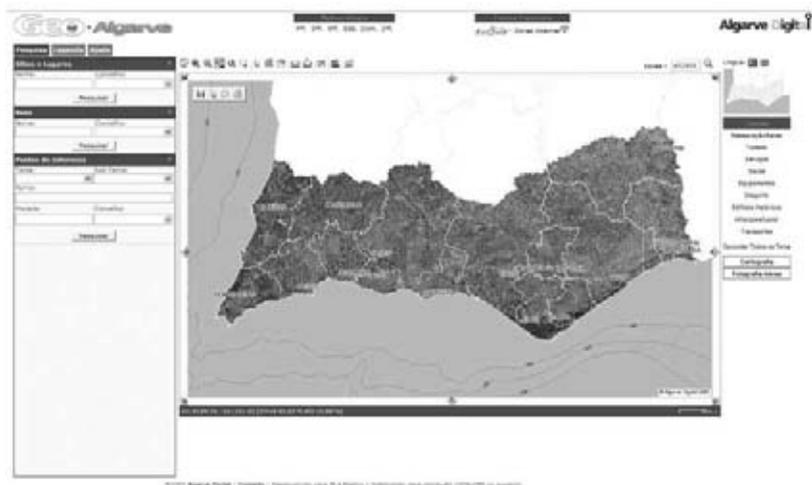
- Permite obter a única base actualizada anualmente de dados de caracterização de edificado para vários fins. Juntamente com outras fontes de dados permitem estudos aprofundados de análise espacial.



A TOPONÍMIA NOS MAPAS INTERACTIVOS DO ALGARVE

Frédéric Lehodey, responsável pelo Su-projecto “Pólo Geográfico” do Algarve Digital

<http://geo.algarvedigital.pt>



ENQUADRAMENTO

1. Uma plataforma regional
2. Boas práticas
3. Resultados

- Região de Turismo do Algarve
- Direcção Regional da Cultura
- Portal Algarve Digital
- AMAL
- Autarquias



Considerando as características dos vários projectos, identificaram-se as funcionalidades básicas que a plataforma deveria implementar:

- Base de dados espacial para integração da informação produzida e utilizada pelos vários projectos;
- Cobertura cartográfica de toda a região do Algarve;
- Disponibilização de serviços de localização (arruamentos, números de polícia, sítios/lugares e pontos de interesse);
- Disponibilização de serviços de criação de mapas.

DADOS

Vectoriais	<ul style="list-style-type: none"> 1. Limites administrativos (CAOP) 1. Base de dados de topónimos do Instituto Geográfico do Exército 1. Cobertura de eixos de via da NavTeq 1. Base de dados de Pontos de Interesse desenvolvida no âmbito do subprojecto piloto Portal do Turismo, do Algarve Digital. 1. Temáticos: EcoVia (AMAL) , Zonas WIFI (AD)
-------------------	--



Raster

Ortofotocartografia à escala 1:10.000, voo de 2005, disponibilizada pelo IGP no âmbito do protocolo estabelecido com a Associação de Municípios do Algarve

TOPONÍMIA DE LUGARES

Reportório Toponímico do IGEOE



Contínente : Tabela					
nome	descrição	X	Y	folha	
Alto da Faia	MTE	1509	5413	14	
Alto da Falda	MTE	2686	4202	171	
Alto da Farrapa	MTE	2609	5046	75	
Alto da Faria	REG	2177	5456	19	
Alto da Fariçoca	MTE	2045	4960	100	
Alto da Faia	MTE	2350	3470	255	
Alto da Fedeira	MTE	2587	5060	75	
Alto da Feitoria	CAS	2062	4939	86	
Alto da Fenanqueira	MTE	2656	4849	105	
Alto da Ferleira	MTE	2829	5282	49	
Alto da Ferradosa	MTF	2599	5317	34	
Alto da Ferradura	CAS	2722	1101	624	
Alto da Ferreira	MTE	2504	5307	34	
Alto da Ferreira	CAS	1648	4435	143	
Alto da Ferreirinha	MTE	2023	3952	204	
Alto da Figueirinha	REG	2636	4840	103	
Alto da Folha	MTE	2626	4160	182	
Alto da Folha da Lomba	MTE	2868	4125	182	
Alto da Fonte	MTF	1843	4616	104	
Alto da Fontinha	MTE	1097	2128	403	
Alto da Fonte	POV	1602	4848	97	
ALTO DA FONTE	VO	1953	3359	264	
Alto da Fonte	MTE	2361	4820	102	
Alto da Fonte	MTE	1707	4718	111	
Alto da Fonte	MTE	2879	5196	63	
Alto da Fonte	POV	1373	3556	239	
Alto da Fonte da Uzeira	MTE	1520	5394	28	
Alto da Fonte das Tonas	MTE	2329	5372	33	
Alto da Fonte das Vacas	MTE	1906	3917	198	
Alto da Fonte de Ferreira	MTE	3456	5215	52	
Alto da Fonte do Milho	MTE	2897	5148	63	
Alto da Fonte Fradinho	REG	2599	1841	451	
Alto da Fonte Fria	MTE	2889	4964	91	
Alto da Fonte Galega	MTF	1788	2070	310	
Alto da Fonte Jungueira	MTE	3140	5483	26	
Alto da Fonte Nova	MTE	1052	1624	464	
Alto da Fonte Velha	MTE	2993	4383	162	
Alto da Fontela	REG	2111	5444	19	
Alto da Fontela	MTE	2820	5280	49	
Alto da Forca	MTE	3059	5163	64	
Alto da Forca	MTE	2538	5295	47	
Alto da Forca	MTF	1588	5586	7	
Alto da Forca	MTE	2097	2134	409	
Alto da Forca	REG	2583	5124	61	

Recorrido: [14] < | > || of 267423

Vantagens:

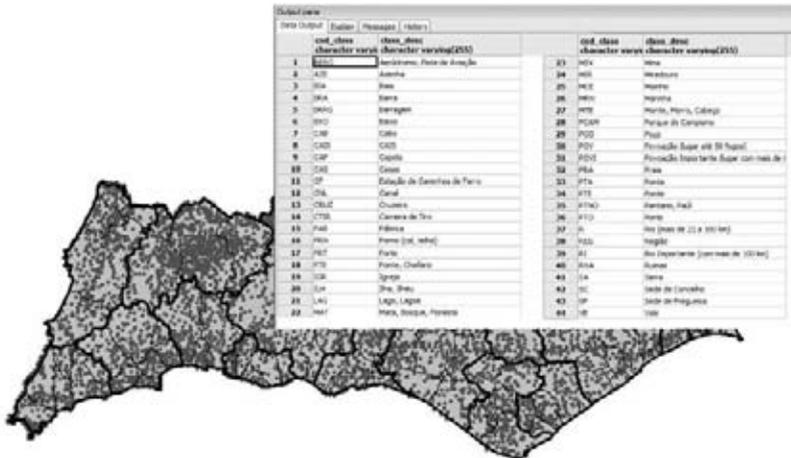
- Cartas Militares 1:25.000
- Classificação
- Preço

Desvantagens:

- Localização
- Incompleto

TOPONÍMIA DE LUGARES

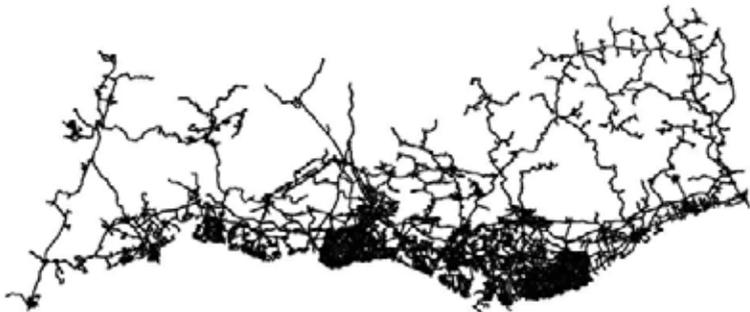
8300 topónimos



TOPONÍMIA DE RUAS

Base de dados da

NAVTEQ



Vantagens:	Desvantagens:
<ul style="list-style-type: none"> • Cobertura total • Modelo de dados (Routing) • Actualizações 	<ul style="list-style-type: none"> • Rigor não uniforme • Incompleto

TOPONÍMIA DE RUAS

5950 topónimos 68.000 registos

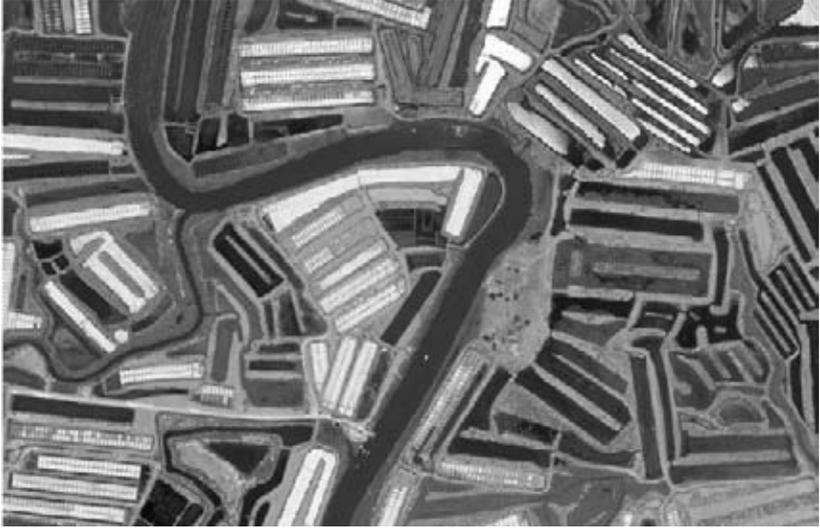


ESTATÍSTICAS DE UTILIZAÇÃO DA TOPONÍMIA

- 15 % das visitas com pesquisa de rua
- 5 % das visitas com pesquisa de lugar

FUTURO

- Utilização da cartografia à 1:10.000 do Algarve
- Serviços municipais de informação toponímica (Gazeteer)
 - Listagem actualizada do toponímios georreferenciados.
 - Serviços Web de acesso.
 - pesquisas por nome
 - pesquisas por coordenadas
 - pesquisas por classes
- Gestão integrada da rede viária municipal
 - Baseada em SIG
 - Sistemas de apoio às comissões de toponímia
 - Novos topónimos de rua
 - Placas toponímicas



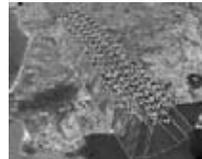
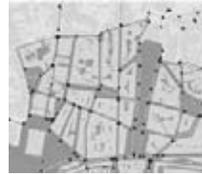
Obrigado...

RECOLHA E ACTUALIZAÇÃO DE TOPONÍMIA INTEGRAÇÃO NO SISTEMA DE NAVEGAÇÃO NDRIVE

Alexandre Gomes, Coordenação de SIG e Detecção Remota de InfoPortugal, SA

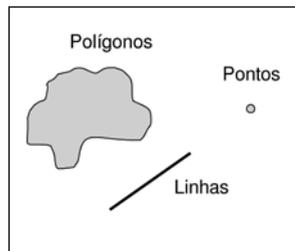
INFOPORTUGAL

- **Conteúdos Cartográficos**
 - Rede de Eixos de Via
 - Outra informação cartográfica
- **Área Editorial**
 - Gestão de Pontos de Interesse
 - Informação dinâmica em tempo real
(ex: eventos culturais e farmácias de serviço)
- **Fotografia Aérea**
 - Cobertura de Ortofotomapas a 25 cm/pixel



TOPONÍMIA

- **Localidade**
 - Limite Administrativo
- **País; Distrito; Concelho; Freguesia**
 - Povoação
 - Lugar; Bairro; Zona Urbana
 - Código Postal
- **Nome de Rua**
- **Nº de Polícia**



Par de Coordenadas no Mapa (Lat/Long)

Identificador único de segmento

Designação da Rua

Código Postal
4 ou 7 dígitos

Divisão
Administrativa

1.

ID	NOME	PREMIO	CORREIA	DESAGRI	ALTER	QUIL	L_PC	R_PC	L_PREG	R_PREG	COD ADI
40000007470	Rua de Escola	Rua	30	Escola (Cânção)		3125	3125	310007	310007		72030
231300003039	Rua de Alegria	Rua	30	Alegria		3125	3125	310005	310005		02321
41000007715	Azinhaga das Virtudes	Azinhaga	30	Virtudes		9000	9000	310307	310307		088024
231300001682	Camino das Virtudes	Camino	30	Virtudes		9000	9000	310307	310307		088029
400000020248	Estreita de Leivada de Rocha	Estreita	30	Leivada de Rocha		8200	8200	310403	310403		106601
41000007759	Estreia Monumental (21010)	Estreia		Monumental	CHI 01	9000	9000	310307	310307		120750
231300004732	Travessa do Cabrestante	Travessa	30	Cabrestante		9000	9000	310307	310307		35288
231300001098	Rua do Cabrestante	Rua	30	Cabrestante		9005	9005	310307	310307		30287
410000025428	Camino do Amparo	Camino	30	Amparo		9002	9000	310307	310307		08808
231300000681	Rua Vale do Amparo	Rua		Vale do Amparo		9000	9000	310307	310307		084875
410000025483	Rua Doutor Rita	Rua		Doutor Rita		9000	9000	310307	310307		08024
231300004748	Rua Simpão dos Passos Ourem	Rua		Simpão dos Passos O		9000	9000	310307	310307		07669
410000014857	Beco das Virtudes	Beco	30	Virtudes		9000	9000	310307	310307		088025
410000026720	Beco Imperatriz Dona Amélia	Beco		Imperatriz Dona Amélia		9000	9000	310309	310310		07190
410000020719	Beco Imperatriz Dona Amélia	Beco		Imperatriz Dona Amélia		9000	9000	310309	310310		07190
231300000769	Travessa do Lacerdo	Travessa	30	Lacerdo		9005	9000	310304	310304		036669
410000028032	Avenida do Código Militar	Avenida	30	Código Militar		9000	9000	310307	310307		02123

Identificador único de Arteria

RUAS E N^os DE POLÍCIA

- Última etapa de pesquisa
– Não é obrigatório

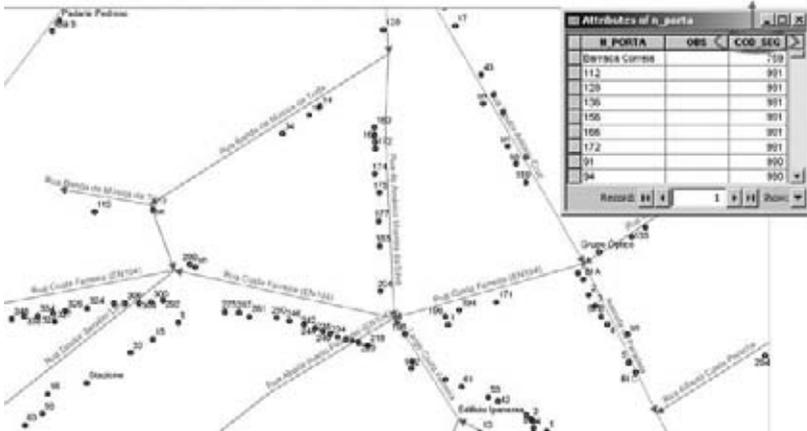


Identificador único de segmento

		Esquerda	Nome da Rua	Direita				
ID	L.A. FROM	L.A. TO	L. BREG	L. STRUC	R.A. FROM	R.A. TO	R. BREG	R. STRUC
150530001811	5	25	0	-	Travessa da Venezuela	1	4	-
239230001812	0	0	-	-	Plaza do Estádio Unidos da América	152	151	O
250530000759	0	0	-	-	Largo Severiano Ferraz (Via A Cota 42)	0	0	-
410000023883	0	0	-	-	Castiello dos Riosinhos	0	0	-
410000023942	0	0	-	-	Avenida da Maracana	0	0	-
400000005857	0	0	-	-	Sem nome	0	0	-
400000005908	0	0	-	-	982m	0	0	-
400000005920	0	0	-	-	Castiello do Arrematado	0	0	-
400000011885	0	0	-	-	Entrada 10° 4 do Castiello do Lombo do Gato	1	8	M
400000018688	13	2	2	E	Ladeira do Castiello	11	1	O
400000011715	13	13	0	O	Castiello do Pico do Covão	0	0	-
400000011716	1	3	2	M	Entrada 10° 1 do Castiello do Pico do Covão	0	0	-
400000011000	0	0	-	-	Entrada 10° 2 do Castiello dos Veiros	1	5	M
239230001817	0	0	-	-	Entrada Doutor João Abel de Freitas	0	0	-
410000024832	0	0	-	-	Largo dos Lavandeiros	0	0	-
410000025201	0	154	0	O	Plaza do Hospital Velho	0	0	-
410000025300	0	0	-	-	Plaza do Hospital Velho	0	0	-

Primeiro Último Intermédios irregulares Classificação da Estrutura

Identificador único de segmento



PRINCIPAIS DIFICULDADES NA RECOLHA

- Falta de placas identificadoras do nome da rua e do nº de porta
- Existência de várias designações para a mesma rua
- Falta de cartografia rigorosa de delimitação dos códigos postais (polígonos)

PRINCIPAIS DIFICULDADES NA ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

- Ruas sem nome
- Repetição de nomes de rua na mesma área administrativa
- Portas sem nº de polícia
- Repetição de nºs de polícia na mesma rua
- N.ºs de polícia com estrutura irregular

FORMAS ALTERNATIVAS DE ENCONTRAR O DESTINO



Pré-marcação de favoritos

Utilizar a informação de pontos de interesse da InfoPortugal



Possibilidade de enviar a outro utilizador Ndrive a nossa localização

A COMISSÃO DE TOPONÍMIA DE ALBUFEIRA

Carlos Quintino - Vereador do Pelouro da Toponímia

SUMÁRIO

- Comissão de Toponímia de Albufeira
 - Composição
 - Funcionamento
 - Metodologia
- Actividades desenvolvidas desde 2006
- Objectivos

COMISSÃO DE TOPONÍMIA DE ALBUFEIRA COMPOSIÇÃO

- Criada a 5 de Março de 1993
- Até 2006, contou essencialmente com funcionários da Autarquia e dos CTT
- No ano de 2006, são convidadas as Juntas de Freguesia para integrarem a Comissão

[Câmara Municipal]

Carlos Quintino

Vereador do Pelouro (Presidente da Comissão)

Paula Bastardinho

Divisão de Relações Públicas, Turismo e Defesa do Consumidor

Lúisa Monteiro

Divisão de Relações Públicas, Turismo e Defesa do Consumidor

Idalina Nobre

Divisão de Assuntos Culturais

Ricardo Sena

Divisão de Informação Geográfica

Eurico Barreto

Fiscalização Municipal

[Assembleia Municipal]

Vítor Vieira

[Juntas de Freguesia]

Berto José Rita Palma

Presidente da Junta de Freguesia de Olhos d'Água

José Cabrita

Presidente da Junta de Freguesia da Guia

Hélder Manuel Rodrigues Sousa

Presidente da Junta de Freguesia de Albufeira

Fernando José Rocha Cabrita

Secretário da Junta de Freguesia de Ferreiras

Francisco Manuel Fernandes Guerreiro

Presidente da Junta de Freguesia de Paderne

[CTT]

Nuno Guita

Chefe do Centro de Distribuição Postal de Albufeira

COMISSÃO DE TOPONÍMIA DE ALBUFEIRA FUNCIONAMENTO

- Reúne uma vez por mês, ora na Câmara, ora nas sedes das Juntas de Freguesia.
- Analisa os diversos requerimentos apresentados por municípios, acerca de topónimos de artérias e numeração de polícia, assim como propostas que envolvam o contributo e a reflexão de cada um dos seus membros.

COMISSÃO DE TOPONÍMIA DE ALBUFEIRA METODOLOGIA**Linhas Orientadoras**

- Privilegiar a memória
- Explorar as raízes do lugar
- Considerar estruturas emblemáticas
- Perpetuar os nomes de personalidades que contribuíram para o desenvolvimento de Albufeira, nas mais diversas áreas



Tipos de Placas Toponímicas

- Na malha urbana são utilizadas placas de azulejo pintado à mão, encimadas pelo brasão de Albufeira.
- Para as restantes Freguesias, as placas adoptadas são em pedra moleanos com gravação incrustada e afixadas com parafusos dourados.
- Para a aldeia de Paderne, placa em painel de azulejo, de tecnologia tradicional por pintura vitrificada de azul cobalto sobre base cerâmica de faiança branca.



ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS DESDE 2006

Atribuição de Topónimos

FREGUESIAS	2006	2007	2008	TOTAL
ALBUFEIRA	65	12	12	89
GUIA	26	1	0	27
FERREIRAS	15	11	0	26
OLHOS D'ÁGUA	7	27	2	36
PADERNE	0	3	0	3
CONCELHO	113	54	14	167



- Cerimónia pública do Dia do Município (20 de Agosto de 2006)



- I Jornadas de Toponímia do Sul
- Cerimónia pública de atribuição do topónimo Rua Beato Vicente de Albufeira (26 de Janeiro de 2007)



- Cerimónia pública do homenagem aos escuteiros de Albufeira (2 de Junho de 2007)



- Cerimónia pública de homenagem aos jornais de Albufeira, realizada no âmbito do Dia do Município (20 de Agosto de 2007)

Publicações



Contributo do SIG



Contributo dos CTT



- Lançamento de um sítio electrónico exclusivo para a Toponímia do Concelho

<http://www.cm-albufeira.pt/toponimia>

• Informatização de todos os elementos com a toponímia

- Eixos de Via	<ul style="list-style-type: none"> • Topónimo • Código Postal • Data de Deliberação
- Números de Polícia	<ul style="list-style-type: none"> • Data de Deliberação • Processo de Obras • Alvará de Construção
- Placas Toponímicas	<ul style="list-style-type: none"> • Inscrição • Data de Colocação • Material • Suporte • Fornecedor



Consultas:

- Nome de Rua
- Código Postal
- N° de Polícia



Sistema de Informação de Toponímia

- Com topónimos atribuídos desde 2006
- Com topónimo
- Sem topónimo

Algumas Funcionalidades:

- Obter de forma rápida informação sobre toponímia
- Identificação automática de arruamentos sem topónimos
- Emissão automática de plantas (aprovação de topónimo para Reunião de Câmara)

Exemplo de emissão automática de planta



- Rua Joaquim Magalhães
(assinalada a vermelho)

OBJECTIVOS

- Postura pró-activa
- Valorização dos antropónimos
- Após a conclusão das infra-estruturas de uma nova urbanização, atribuir de imediato topónimos aos seus arruamentos
- Atribuição imediata de números de polícia às construções previstas
- Perpetuar nomes de personalidades do Concelho



Rua Beato Vicente



Rua Jornal A Avezinha
Rua Jornal Notícias de Albufeira

TOPONÍMIA COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO

Mário Nunes - Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra
e Presidente da Comissão de Toponímia

TOPONÍMIA

A toponímia é um repositório de informações, acompanhando o desenvolvimento urbanístico e populacional, acusando as alterações havidas no viver das comunidades, reflectindo os costumes, as tradições, as movimentações das actividades económica, social e cultural, as tendências de ordem política e religiosa, as modificações educacionais, os ciclos de história e a evolução ou retrocesso da comunidade, consubstanciados na materialização de designações ou na consolidação daquelas de origem popular.

A toponímia de geração espontânea, criada pelo povo, exemplo, em Coimbra, do Terreiro do Mendonça, da rua dos Militares, das ruas do Guedes e do Cosme, do Corpo de Deus, do Hospital, sofreu uma autêntica revolução no século XIX com a introdução da toponímia oficial, abrangendo personalidades, invocações, homenagens, acontecimentos memoráveis.

O sistema tradicional que vigorava cimentou-se noutra área/temática, atribuindo nomes às ruas pelas pessoas conhecidas que ali viviam, pelos edifícios, instituições ou serviços ali existentes, por actividades instaladas, por riquezas naturais, circunstâncias geográficas (Beco da Amoreira, Fonte Nova, Arcas de Água). Esquecia Reitores, Professores Universitários, Políticos, Bispos, escritores, empresários, jornalistas, etc. Nomes de Calçadas, Cerca, Ladeira, Bairro, Adro, Azinhaga, Terreiro, Escadas, Pátio, Beco, Travessa, Largo, Arco, Vielas, a partir do século XIX, e mais intensamente no XX, deram lugar a Avenidas, a Ruas, a Alamedas, deixando aquelas que se passaram a identificar como excessivamente modestas, humildes e, até, de diferenciação social e cultural. Por sua vez, as designações de beco, azinhaga, viela, cerca, foram banidas da toponímia pelos mesmos motivos.

Actualmente, permanecem as avenidas, as ruas, as praças, as alamedas e as rotundas (nova designação) que a própria urbanização e planeamento da cidade passaram a incluir na sua planta cartográfica e demográfica.

COMISSÃO DE TOPONÍMIA

Enquadramento Legal

A Lei 169/99, de 18 de Setembro, com redacção introduzida pela Lei 5A/2002, de 11 de Janeiro, expressa no Artº 64, nº 1 alínea v), que compete à Câmara Municipal "estabelecer a denominação das ruas e praças das povoações".

Após 14 anos sem actividade, a Comissão de Toponímia foi reactivada por proposta de Mário Nunes, Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, tendo sido a sua composição aprovada pelo Executivo Municipal, em Reunião de 17 de Junho de 2002, e ratificada pela Assembleia Municipal, na Reunião de 27 do mesmo mês.

Composição

A Comissão de Toponímia de Coimbra é uma das mais democráticas do país, porquanto é composta por personalidades credenciadas, que representam instituições culturais, artísticas, empresariais, sindicais, cívicas, religiosas, académicas e os partidos políticos com assento na Assembleia Municipal.

Actualmente, o Município preside, na pessoa do Vereador da Cultura, Mário Nunes, acompanhado por:

- Representante da Universidade
- Representante do Conselho da Cidade
- Representante dos CTT
- Representante da União dos Sindicatos de Coimbra
- Representante do Movimento Artístico de Coimbra
- Representante da Diocese de Coimbra
- Representante da ACIC (Associação Comercial e Industrial de Coimbra)
- Representante do GAAC (Grupo de Arqueologia e Arte do Centro)
- Representante da ADDAC (Assoc. para o Desenvolvimento da Alta de Coimbra)
- Representantes da Assembleia Municipal: dois da Coligação por Coimbra; um do PS; um da CDU; um do Bloco de Esquerda.

Num total de 15 elementos efectivos, conta-se sempre com a presença do Presidente da Junta de Freguesia onde serão atribuídos os novos topónimos. Logo, uma pluralidade democrática que analisa, opina, sugere, adia, esclarece, aprova, ratifica e/ou indefere a designação proposta para rua, largo, instituição, praça, via, travessa, acessibilidade, equipamento público e outros bens sociais, e adequa o topónimo do motivo, ao evento e à actividade principal, que melhor define e enquadra o distinguido.

COMPETÊNCIAS

Procedimentos gerais

- Análise cartográfica e verificação *in loco* dos locais passíveis de acolher novas designações toponímicas;
- Preparação das reuniões para análise e aprovação de novos topónimos em toda a área territorial do concelho de Coimbra;
- Elaboração das respectivas actas para ratificação do Executivo Camarário;
- Divulgação dos novos topónimos por diferentes entidades: Centro de Distribuição Postal dos CTT - Correios de Portugal; CTT - Gabinete do Código Postal; Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM); Polícia de Segurança Pública e Polícia Municipal; Bombeiros Municipais e Bombeiros Voluntários; Poli-Táxis; Associação Nacional de Transportes Rodoviários de Mercadorias (ANTRAM); Associação Nacional de Transportes Rodoviários de Automóveis Ligeiros (ANTRAL); EDP-Electricidade de Portugal, Águas de Coimbra; Serviços Municipalizados Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC); Divisão de Informação Geográfica e Solos da Câmara Municipal de Coimbra;
- Execução e colocação de placas e plintos;
- Preparação da cerimónia de inauguração de ruas e de placas evocativas;
- Reposição de placas vandalizadas;
- Regularização de topónimos existentes, mas que não possuíam identificação;
- Prestação de esclarecimentos a munícipes nesta matéria.

Objectivos

- Preservar a memória dos lugares tradicionais e naturais, de costumes, de acontecimentos, de actividades, de profissões, de instituições, de pessoas e outros.
- Recolher e compilar informações para contextualização dos topónimos.
- Publicar e divulgar os novos arruamentos.
- Propor a denominação a novos arruamentos ou a alteração dos actuais, de acordo com a localização ou importância.
- Promover o levantamento dos topónimos existentes, sua origem e justificação.
- Promover e propor a elaboração de estudos sobre História da Toponímia de Coimbra.
- Propor a publicação de estudos elaborados.

Metodologia

A Comissão de Toponímia reúne quatro vezes por ano, em sessão ordinária. Porém, se necessário, o Presidente convoca uma reunião extraordinária.

As deliberações são tomadas por unanimidade e/ou maioria e resultam do voto directo de cada membro. O representante da Freguesia cujo topónimo está a ser analisado vota, somente, o nome a cuja freguesia diz respeito, não interferindo nas votações das outras Freguesias.

As deliberações são sustentadas na base de análise de um *curriculum* dos nomes propostos que, previamente, são enviados aos elementos da Comissão para estudo, acompanhados da ordem de trabalhos.

A Comissão, para funcionar, precisa de ter *quorum* (mais de metade dos seus membros) e, em caso de empate, o Presidente tem voto de qualidade. No final de cada reunião é elaborada, pela secretária, a respectiva acta, que será lida e aprovada no início da reunião seguinte, procedendo-se a rectificações se as houver. Posteriormente, é remetida ao Executivo Camarário para ratificação.

TIPOLOGIA DAS PLACAS

Quanto ao tipo de placas, optou-se pela uniformidade, escolhendo o azulejo, peça ornamental e utilitária resultante de uma actividade artesanal, que remonta à tradição conimbricense das olarias.

O recurso à pedra de Ançã enquadra-se, também, nesta linha tipológica tradicional que caracteriza a região de Coimbra, não conflituando com a estética das novas urbanizações, chegando mesmo a valorizá-las.

LISBOA: NAVEGAR, NAVEGAR PELAS RUAS, TRAVESSAS E BECOS

Texto base do Vídeo com o mesmo título apresentado nas 2ªs Jornadas de Toponímia do Sul

Dos miradouros e mirantes de Lisboa namora-se o Tejo, e observa-se o vaivém dos cacilheiros e dos navios que vão cruzando a sua barra, as gaivotas que voam em direcção ao céu ou mergulham em voo picado à procura de algum alimento. É uma cidade que cresceu à beira-rio, e onde a água é ora doce, ora salgada. É uma cidade que parece navegar em busca de outros mares, outras terras e outras gentes. É em Lisboa que o rio abraça o mar, o mar recebe o rio e a brisa tem sabor a sal.

A cidade sempre teve uma íntima ligação com o seu rio, ou mar como muitos poetas, e historiadores antigos qualificavam o Tejo.

Esta relação pode ser constatada ainda pela existência de muitas ruas estreitas, escadinhas, becos e travessas que se cruzam e vão desembocar ao rio.

Vamos então percorrer estes lugares ou topónimos que são reminiscência desse tempo em que no rio abundavam as faluas, as fragatas, os barcos de pesca, e na orla ribeirinha muitas praias se formavam, os pescadores faziam a sua faina e as varinas vendiam o peixe.

Principiemos a nossa jornada pela zona da Lisboa Oriental, junto a Santa Apolónia, nome da estação ferroviária e do terminal de cruzeiros.

Nesta zona e um pouco mais para oriente, atestava-se a existência de uma «praia» até 1939.

Boqueirão da Praia da Galé, Boqueirão da Ponte da Lama e Cais da Lingueta são nomes que aqui encontramos. Os três são evocativos no local, do tempo em que o mar chegava aqui perto. Boqueirões são ruas ou travessas que dão acesso ao cais de um rio ou canal.

Apesar do termo galé identificar uma antiga embarcação de guerra de baixo bordo movida a remos, as justificações para os topónimos Boqueirão da Praia da Galé, bem como a Rua da Galé em Alfama ou a Travessa da Galé em Alcântara deverão estar relacionadas com o sítio onde se localizava a cadeia dos galeotes, os condenados às galés.

Memória do tempo em que mar chegava às muralhas, temos, junto à Casa dos Bicos, as **Escadinhas e o Arco das Portas do Mar**. Na cerca moura existiu uma porta fortificada cujo nome era Porta do Mar que dava acesso à Ribeira,

e que conforme os geógrafos muçulmanos que descreveram a cidade de Lisboa, o mar vinha bater em períodos de maré cheia, chegando a entrar por ela a dentro.

Chegamos ao Cais do Sodré e à Ribeira.

Em rigor Cais do Sodré só se aplica à via que começa no Largo do Corpo Santo, termina na Praça Duque da Terceira e passa pela entrada da estação dos caminhos-de-ferro. Mas para o lisboeta este topónimo, com este nome desde o Terramoto de 1755, abrange uma área muito mais vasta. A própria Praça Duque da Terceira, é conhecida por Cais do Sodré. O rio chegava perto onde hoje passa a linha dos eléctricos e toda esta área era praia.

Esta é uma panorâmica do Cais do Sodré e da Ribeira. A construção do aterro na zona fronteira ao Cais do Sodré e Ribeira, avançou definitivamente a partir de 1859, quando o governo incumbiu a Câmara de Lisboa da sua coordenação.

A **Ribeira Nova** era desde o Terramoto uma zona de chegada dos mais variados tipos de produtos, quer por via marítima, quer por via fluvial. A ribeira era sobretudo um local privilegiado para a compra e venda de peixe. Após a chegada das embarcações de pesca, procedia-se à descarga, lavagem e escamagem do peixe, lota e venda.

O Mercado da Ribeira foi inaugurado em 1882, como mercado de peixe, passando as hortaliças e frutas a serem comercializadas até 1927 nuns barracões junto à linha de caminho-de-ferro.

Os topónimos **Praça, Rua e Travessa da Ribeira Nova** são testemunho deste local onde ainda no século passado, as varinas aguardavam a chegada do peixe para o vender pelas ruas de Lisboa. E como diz o poeta Carlos Queirós:

*Ó Varina, passa,
Passa tu primeiro...
Que és a flor da raça,
A mais séria graça
Do país inteiro!*

*Lisboa, esquecida
Que é porto de mar,
Fica esclarecida
E reconhecida
Se te vê passar.*

*E sobre o que pensa
Quem te vê passar,
Eterna, suspensa,
Acena a imensa
Presença do Mar!*

Também relacionado com a vida do mar temos alguns topónimos no Bairro Alto: a **Rua das Gáveas**, a **Rua do Norte** e a **Travessa da Peixeira**. No que respeita às duas primeiras Norberto de Araújo refere em "Peregrinações em Lisboa" o seguinte: "As Ruas das Gáveas e do Norte, que vão da Queimada ao Camões, foram as primeiras a ser rasgadas na velha Herdade dos Andrades, no século XVI. Uma deverá seu nome a qualquer particularidade ligada à vida do mar, pois foram os marítimos da Ribeira das Naus os primeiros a subirem da Boa Vista às terras dos Alteros; a segunda seria "do Norte" pela sua orientação - ainda uma reminiscência do mar".

Entre a Praça Duque da Terceira e a Travessa da Ribeira Nova situam-se a **Rua e Travessa dos Remolares**. Esta designação remonta ao tempo do Marquês de Pombal quando este dividiu a cidade em bairros, sendo um deles o Bairro dos Remolares, nome que se pretende derivado dos artifices de remos para embarcações.

Sigamos pela Rua da Boavista. Por volta de 1860, como refere Norberto de Araújo "ainda as faluas ribeirinhas enalhavam, esperando a volta da maré, ao fundo destes **boqueirões**", do **Ferreiros e do Duro**. "Bem pitoresca seria, no prolongamento do Remolares antigo, este sítio, certamente pouco cómodo para passear, com as características dos locais da beira-mar, pousio de embarcações e gente das fainas navais, estrangeiros de arribação marinheira. Assim, a sua fisionomia não chegava a adquirir feição urbana; nela se abriam dezenas e dezenas de baiucas, tendas de peixe frito, na continuação da área de São Paulo."

Os boqueirões como já se referiu anteriormente são designações de ruas ou travessas que dão acesso ao cais de um rio ou canal.

Ainda pela Rua da Boavista vamos em direcção ao Largo do Conde Barão onde se situam vários arruamentos relacionados com a ligação que a cidade tinha com o rio e o mar:

Rua das Gaivotas, Rua e Travessa dos Mastros, Travessa dos Pescadores e Rua e Travessa do Cais do Tojo

Já em Santos-o-Velho temos as **Escadinhas da Praia**, resquícios deste tempo onde a praia chegava aqui e o **Beco da Calheta** que no entender de Gomes de Brito deveria ser alterado para Beco da Calheta. Ainda segundo o autor, junto à actual 24 de Julho, então Aterro da Boavista, existia na praia uma depressão, ou corredor, onde era o cais de José António Pereira, a que se chamava Corredor da Calheta. Calheta significa pequeno boqueirão ou enseada estreita onde podem permanecer embarcações.

Em Alcântara, junto aos pilares da ponte 25 de Abril temos a **Travessa da Praia** e a Travessa da Galé.

Prossigamos pela Rua da Junqueira até Belém. Aqui encontramos as **Travessas dos Algarves, dos Escaleres e das Galeotas**. Após a consolidação da conquista

do Algarve por D. Afonso III, as relações comerciais entre Lisboa e os principais portos do Algarve tornaram-se normais e frequentes. Os algarvios, mais conhecidos em Lisboa por algarves criaram tradições e influenciaram a vida da capital. Desde as praias de Belém até perto das Terceiras (fábricas de construção naval) encontravam-se numerosas embarcações de mareantes e pescadores do Algarve, que embelezavam o estuário do Tejo. Os tripulantes algarvios empregados nos escaleres e galeotas reais eram tantos que a testemunhar a sua presença existem as travessas.

Perto das travessas temos a **Rua** e a **Travessa do Cais da Alfândega Velha**.

A praia de Belém, hoje desaparecida, foi ponto de partida e de chegada de algumas das viagens mais importantes dos navegadores portugueses. Aqui ancorou a armada de mercadores do Porto que, em 1415, conquistaram Ceuta, aqui mandou Vasco da Gama rezar missa antes de partir para a Índia e daqui largou Pedro Álvares Cabral para aquela que veio a ser a viagem do descobrimento do Brasil.

Aqui teve início em 1502, uma obra fundamental da arquitectura Manuelina, o Mosteiro dos Jerónimos. Em 1514, também no reinado de D. Manuel I, inicia-se a construção da Torre de Belém, junto à margem do rio.

Após a Exposição do Mundo Português de 1940 a zona fronteira ao Mosteiro dos Jerónimos sofreu algumas alterações, nomeadamente o Jardim da Praça do Império e o Padrão dos Descobrimentos que é considerado actualmente um dos ex-libris de Lisboa, inserido numa das zonas de grande valor patrimonial.

A Toponímia da Freguesia de Santa Maria de Belém e de São Francisco Xavier está relacionada com a Expansão Portuguesa dos séculos XV e XVI. São nomes de navegadores, descobridores, capitães, missionários, cartógrafos, governadores, entre muitos.

No **Beco da Ré** e no respectivo pátio, topónimos também relacionados com o rio, podemos também ter exemplos de formas de habitação popular.

Reminiscência dos tempos em que a actividade piscatória era importante e em que havia um extenso areal onde se abriam as praias do Bom Sucesso e de Pedrouços, temos as **Ruas da Praia do Bom Sucesso** e a da **Praia de Pedrouços**. Nestas praias no verão, desfrutava-se dos areais do Tejo como espaços de lazer e de banhos.

António Bandeira, em 1899, dizia que Pedrouços era a “praia mais chic dos nossos avós” e a “praia mais burguesa por excelência” O areal do limite sul do sítio de Pedrouços era o seu grande motivo de fama na 2ª metade do século XIX, já que depois de Belém era a praia dos arrabaldes de Lisboa mais procurada pela aristocracia, pela alta burguesia e até pela intelectualidade da época. Existem referências para o ano de 1873 da presença nesta praia da Viscondessa de

Algés, do Conde de Casal Ribeiro, de Fortunato Chamiço e Eça de Queirós com as respectivas famílias.

"LISBOA"

*Quando atravesso - vinda do sul - o rio
 E a cidade a que chego abre-se como se do meu nome nascesse
 Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna
 Em seu longo luzir de azul e rio
 Em seu corpo amontoado de colinas -
 Vejo-a melhor porque a digo
 Tudo se mostra melhor porque digo
 Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência
 Porque digo
 Lisboa com seu nome de ser e de não-ser
 Com seus meandros de espanto insónia e lata
 E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro
 Seu conivente sorrir de intriga e máscara
 Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata
 Lisboa oscilando como uma grande barca
 Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência
 Digo o nome da cidade
 - Digo para ver*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Ficha Técnica do Vídeo

Lisboa: Navegar, navegar... pelas ruas, travessas e becos

Realização e Montagem do Filme

Elsa Pires

Rui A. Pereira

Teresa Sancha Pereira

Texto

Teresa Sancha Pereira

Captação de Imagem/Vídeo

Rui A. Pereira

Locução

Paula Levy

Rui A. Pereira

Teresa Sancha Pereira

Música de Fundo

Carlos Paredes

Sétima Legião

Fausto

Poema:

Sophia de Mello Breyner Andresen

Fotos Antigas

Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa

Coordenação do Projecto

Paula Levy

Rui A. Pereira

Teresa Sancha Pereira

Duração: 15 m

Ano: 2008

Departamento de Serviços Gerais Câmara Municipal de Lisboa

BALANÇO DA COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA

Luís Manuel Mendes Guerreiro, representante da Comissão Municipal de Toponímia de Loulé

A toponímia constitui um dos elementos chave para a identificação, a comunicação e a localização dos imóveis urbanos e rústicos. Como estudo histórico e/ou linguístico da origem dos nomes próprios dos lugares, ela é sinal do evoluir das sociedades ao longo do tempo, constituindo-se como património cultural e testemunho da história de um local, contribuindo para a preservação da sua identidade.

Tendo sido, anteriormente, delegada à Divisão de Património Histórico a atribuição toponímica em projectos semelhantes, foi publicado em Diário da República, a 10 de Agosto de 2004, o Regulamento Municipal de Toponímia e Numeração de Polícia, um documento regulador dos trabalhos conducentes à aplicação de designações de artérias e identificação numerária dos respectivos edifícios aí implantados.

Em Março de 2006, após a reorganização do organigrama da autarquia, esta competência foi de novo atribuída à actual Divisão de Cultura e História Local, segundo o qual esta tem por missão "(...) coordenar todas as actividades conducentes à definição da toponímia local, de acordo com as normas previstas em regulamento específico (...)".

Deram-se início aos trabalhos preparatórios para a constituição de uma Comissão Municipal de Toponímia que funcionasse como órgão consultivo da Câmara Municipal para as questões de toponímia e numeração de polícia. A mesma foi presente a reunião de Câmara a 20 de Setembro de 2006 e aprovada com a seguinte orgânica: Presidente (Vereador da Cultura); Chefe da Divisão de Cultura e História Local; Director do Departamento de Urbanismo; Presidente da Junta de Freguesia correspondente à área em análise; Chefe de Distribuição dos Correios da respectiva freguesia em análise e dois cidadãos que pela sua formação, prestígio, idoneidade e conhecimento da região possam ser convidados a participar na reunião. A este conjunto de personalidades agregou-se a participação da Chefe da Divisão de Informação Geográfica e Cadastro, duas Técnicas da Divisão de Cultura e História Local e o Comandante da GNR ou o representante da mesma entidade correspondente à freguesia em estudo e discussão.

Por razões várias a Comissão iniciou as suas funções a 20 de Junho de 2007 com uma reunião alargada, tendo sido convidados todos os membros do concelho de Loulé que dela fazem parte, com o intuito de ser explicado o trabalho efectuado e a efectuar e de compreender a realidade presente para traçar caminhos de acção com vista à reorganização toponímica do concelho. Verificou-se desde 1991, data da aplicação do último grande projecto toponímico para Loulé, um crescimento acelerado de imóveis (muitos deles organizados em urbanizações, cuja única identificação é o nome da mesma), o que provocou o aumento de artérias sem identificação.

Não se tratando de um fenómeno urbanístico localizado, foram ao longo dos anos solucionadas algumas situações urgentes com a atribuição de toponímia a algumas artérias de várias freguesias do concelho.

Foi encomendado ao *GAIM*, Gabinete Académico de Investigação e Marketing, constituído por professores e alunos do Instituto Universitário D. Afonso III, um estudo toponímico que se consubstanciou no levantamento exaustivo das situações existentes em termos de nomes de ruas e números de polícia nos aglomerados populacionais urbanos de Loulé, Quarteira e Almancil, bem como uma proposta de solução relativa aos números de polícia dos três núcleos urbanos referidos. Estas foram consideradas as áreas mais críticas do concelho de Loulé.

Foram, igualmente, encomendados ortofotomapas cujas informações foram transpostas para plantas, e actualizada a cartografia concelhia através da utilização do sistema SIG adquirido pela Câmara Municipal de Loulé, com o cruzamento de informações dos estudos/levantamentos efectuados.

Desde Junho de 2007 que se tem vindo a desenvolver um trabalho sistemático e mais profundo, a fim de serem corrigidas situações existentes e de serem colmatadas as inexistentes. Os trabalhos têm-se desenvolvido no sentido de prestar da melhor forma possível um serviço público às populações residentes no concelho de Loulé, resolvendo-se problemas que se arrastaram no tempo, provocados pelo rápido crescimento, sobretudo das zonas urbanas.

Têm sido utilizados como instrumentos de trabalho ortofotomapas de toda a área do concelho de Loulé, cujos voos aéreos foram realizados em 2005; mapas turísticos em circulação; plantas cartográficas; plantas antigas de 1913 (actualizada em 1944) e de 1933; estudos toponímicos anteriores; actas de vereação, entre outros.

O balanço de 2007 revelou-se positivo, já que foram resolvidas situações que há muito tempo precisavam de ser trabalhadas, como seguidamente se faz referência.

No primeiro semestre de 2007 foram inauguradas várias artérias, entre elas a “Rua Vasco Gonçalves”, freguesia de Almancil, a 16 de Fevereiro, e a “Rua Homens do Andor”, freguesia de S. Sebastião, a 8 de Abril.

Em Julho de 2007 iniciaram-se os trabalhos da Comissão Municipal de Toponímia com a freguesia de Boliquiteime, por estarem reunidas condições de discussão de novos topónimos a atribuir à sede de freguesia e às zonas da Patã e das Benfarras. Este processo foi depois acompanhado pela Divisão de Cultura e História Local até à aprovação em reunião de Câmara e, dado a conhecer, pela mesma, as disposições aprovadas às entidades do concelho (Junta de Freguesia; Finanças, Conservatórias do Registo Predial e do Registo Civil; EDP; PT; CTT; GNR; Sector de Águas e Esgotos da Câmara Municipal de Loulé, entre outras).

Procedeu-se ao levantamento exaustivo da situação existente na cidade de Loulé, corrigiram-se os mapas existentes através do cruzamento de fontes, nomeadamente os estudos toponímicos existentes, actas de vereação e estudo encomendado pela Câmara Municipal, efectuado pelo GAIM – Gabinete Académico de Investigação e Marketing. Na maioria dos casos, procedeu-se a uma averiguação *in situ*.

Após este levantamento e de terem sido auscultadas as entidades competentes em várias reuniões da Comissão Municipal de Toponímia, nomeadamente as Juntas de Freguesia de S. Clemente e S. Sebastião; os CTT; e a GNR, foi elaborada uma proposta pelas Técnicas Ana Rosa Sousa e Margarida Pereira, da Divisão de Cultura e História Local, com a coordenação do chefe da Divisão, Eng. Luís Guerreiro. O Regulamento Municipal de Toponímia serviu de base orientadora para a atribuição de nomes às artérias identificadas (individualidades de relevo concelhio, regional e nacional), tendo sido respeitados os topónimos de lugar, perpetuando o seu nome na designação de artérias. Após esboçada a proposta, esta foi colocada à aprovação da Comissão Municipal de Toponímia. Os pontos centrais em que se consubstancia este trabalho consistem na apresentação de um conjunto vasto de 83 novos topónimos a atribuir (70 na freguesia de S. Clemente e 13 na freguesia de S. Sebastião); de correcções a efectuar relativamente à classificação de algumas vias e prolongamento de outras; e de uma listagem de artérias (cuja designação já se encontra atribuída) sem identificação ou com identificação parcial. Após reunida toda a documentação necessária, foi o mesmo apresentado em Reunião de Câmara no dia 20 de Fevereiro de 2008, tendo sido aprovado por unanimidade.

Em colaboração com os Presidentes das Juntas de Freguesia de Salir, Benafim, Alte, Querença e Ameixial efectuou-se o levantamento da situação actual, no sentido de serem corrigidos os mapas existentes.

Relativamente à freguesia da Tôr, foi corrigido o mapa toponímico existente, através de documentos antigos existentes no Centro de Documentação.

Estas informações foram, posteriormente, actualizadas no projecto de cartografia desenvolvido pela Divisão de Informação Geográfica e Cadastro.

Foram atendidos alguns pedidos externos relativos à toponímia do concelho para fins académicos de estudo e investigação.

Foram efectuadas reuniões com as três empresas do concelho: Infracuinta, Infralobo e Inframoura, com o intuito de serem resolvidos os problemas relativos à toponímia das áreas a estas adstritas. Foi, ainda, apresentado pela Inframoura e aprovado em reunião de Comissão Municipal de Toponímia um estudo/levantamento e correcção de números de polícia da área de Vilamoura, elaborado pelo *GAIM* – Gabinete Académico de Investigação e Marketing.

Foram resolvidas situações pontuais de atribuição de topónimos e numeração de polícia nas cidades de Loulé e Quarteira e na vila de Almancil.

Foram dadas inúmeras informações relativas a nomes de artérias, números de polícia e confrontações de edifícios de quase todas as freguesias do concelho de Loulé, para fins de certidão.

Actualmente desenvolve-se trabalho com as freguesias de Quarteira e Almancil. Na freguesia de Quarteira encontra-se em estudo a atribuição de novos topónimos aos loteamentos construídos e a construir em Vilamoura, bem como a alguns arruamentos dispersos que, ainda, não possuíam designação, proposta esta a apresentar pela Divisão de Cultura e História Local, após a realização do reconhecimento da área, compreensão das classificações de artérias utilizadas, nomeadamente as de “Volta” e “Caminho”, confirmação dos dados existentes e identificação de lacunas a resolver. Na freguesia de Almancil, após uma primeira reunião da Comissão, os trabalhos encontram-se na fase de identificação de arruamentos com necessidade de serem atribuídos topónimos e numeração de polícia, e listagem de possíveis nomenclaturas a adoptar.

Sendo considerada a identificação *in situ* das artérias como um dado de extrema importância, convém mencionar que são utilizadas várias tipologias de placas que divergem entre as zonas urbanas que constituem o concelho de Loulé. Na cidade de Loulé convencionou-se como matéria-prima o azulejo pintado a azul, cujo formato varia entre: azulejo com cornucópias (o mais elaborado); azulejo redondo (o mais simples) e o azulejo rectangular (o mais recente e menos comum). Nas outras freguesias existem várias tipologias de placas sendo a mais corrente a de mármore nas freguesias de Almancil e Quarteira e a de azulejo nas freguesias de Alte, Boliquiteime e Benafim. Todas as placas toponímicas existentes no concelho contêm o brasão da vila ou cidade de Loulé, no caso de Loulé, ou o brasão de freguesia, nas respectivas freguesias do concelho.

Estão a ser delineados alguns objectivos e postos em prática alguns passos no sentido da concretização de projectos futuros a surgir a curto prazo, provavelmente ainda no ano de 2008. Para iniciar e sem qualquer ordem sequencial: a regularização da toponímia da cidade de Quarteira; atribuição e regularização de numeração de polícia; construção de um sítio electrónico dedicado inteiramente à toponímia do concelho, com a inserção de uma base de dados de apoio; a edição de um dicionário toponímico; entre outros.

“ SAUDAÇÃO À MESA, E À ASSISTÊNCIA ”

Texto da comunicação apresentada por Arnaldo Casimiro Anica, na qualidade de delegado da comissão Municipal de Toponímia de Tavira, nas 2ªs Jornadas de Toponímia do Sul, realizadas na cidade de Albufeira em 28-2-2008.

Solicitado que fui para usar da palavra nestas 2ªs Jornadas de Toponímia de Sul realizadas nesta florescente Cidade de Albufeira, apraz-me dizer o seguinte sob o tema “A Toponímia na Cidade de Tavira antes e depois da Implantação da República”, por mim escolhido para o efeito.

Primeiramente direi que a comissão Municipal de Toponímia na cidade de Tavira foi criada no ano de 1996. Era então presidente da Câmara Municipal de Tavira o senhor Jacinto Rodrigues, eleito para aquele cargo integrando na lista apresentada pelo partido socialista.

Foi ele que pouco depois da referida criação me convidou e nomeou para daquela comissão fazer parte.

Mas quando da eleição autárquica para o quadriénio 1998-2001, mudou a Câmara Municipal da Tavira de mãos: passou a presidi-la o Eng.º Macário Correia, eleito por lista apresentada pelo partido Social Democrata. E certo é que o Eng.º Macário Correia pouco depois de ter tomado posse me confirmou o cargo de membro da referida comissão.

E como, depois disso não fui ainda exonerado nem eu me demiti, conto nesta altura já onze anos de desempenho daquela missão. Mais tempo do que a constituição política actual permite a qualquer Presidente da Republica Portuguesa, sem interrupções.

Creio que o que me levou a esta antiguidade na função foi o facto de eu, desde há 30 anos a esta parte vir dissecando a História do meu Concelho, o de Tavira, e publicando nos jornais e em livros o resultado desta investigação.

Vamos então ao tema que acima enunciei.

Em Tavira e no século XVIII já as ruas tinham nome. Mostra-o a vária documentação existente no Arquivo Histórico dessa cidade.

Neste lado do Rio, as artérias de mais movimento eram a Rua Nova Grande e a Rua Nova Pequena, a Rua da Corredoura, a Rua da Ribeira, a Rua Direita, a Rua do Mau-Foro, etc. E do “outro lado” eram a Rua da Borda de Agua de Aguiar, a Rua da Asseca, a Rua da Alegria, a Carreira de São Lázaro, a Rua de Soa Pedro, etc.

Foi o povo quem atribui esses nomes, sem duvida, pois que, naquele tempo ainda

não cabia as Câmaras Municipais essa função. Estas passaram a tê-la ia o século XIX já muito adiantado.

Foi assim que em 1887, constituído o edifício do Mercado Municipal, junto ao Rio, deu a Câmara o nome de Avenida do Mercado á Rua da Ribeira, que lhe dava acesso. E em Abril de 1910 substitui o nome de Rua Nova Pequena por Rua Alexandre Herculano.

Implantada a Republica, neste mesmo ano de 1910, a dança foi mais larga: a Avenida do Mercado passou a ser Rua José Pires Padinha que fora Presidente da CM de Tavira de 1886 a 1889, ano em que morreu, mas alem disso, fora o progenitor do Dr. António Padinha que após a implantação da Republica tomara a Presidência daquela mesma Câmara. A Rua Direita mudou para Rua Dr. Parreira, falecido alguns anos antes, mas que fora o pai, do que foi Vice-Presidente da Câmara a partir de Outubro de 1910.

A Rua do Mau-Foro, passou a ser Rua Dr. Miguel Bombarda, outro grande republicano que um seu paciente assassinara uns dias antes em Lisboa, etc. E no "outro lado da Cidade" foi por essa mesma altura – finais do ano de 1910 – mudado o nome da rua Borba de Água de Aguiar para Rua Jaques Pessoa, outro republicano de grande nomeada local, mas que falecera de tuberculose (di-lo a imprensa) em 1909. E a Carreira de S. Lázaro +assou a chamar-se Rua Almirante Reis que, como é sabido, suicidara-se no dia 05-10-1910 por julgar ter perdido a Revolução de que ele era dos principais cabecilhas. Houve mais mudanças de nomes das ruas de Tavira nos primeiros dias do Governo Republicano, mas, creio bastarem os casos que acabo de apontar para se ver como os novos próceres locais não se atreveram a por nas esquinas da sua Cidade os seus próprios nomes nem os de seus parceiros vivos.

Porem, outro tanto não aconteceu com os políticos da minha Terra que dela tiraram posse na sequência da Revolução de 28 de Maio de 1926. De facto, em 1945, resolveram eles dar nomes ás ruas da povoação de Santa Luzia. Ao largo da igreja deram o nome do Chefe do Governo, Salazar; a uma das ruas, o nome do Presidente da Republica, General Carmona; a outra, o nome do Presidente da Câmara municipal de Tavira, capitão Jorge Ribeiro, que estava vivo e ocupara aquele cargo entre 28-02-1934 e 28-01-1937; a outra o nome do oficial da Marinha, Henrique Tenreiro, que era o "dono" da junta central das casas dos pescadores.

E dez anos depois foi a vez da povoação de Cabanas da Conceição, e a da própria Aldeia da Conceição. Nesta deram á rua mais concorrida o nome do Presidente da Republica em funções, General Craveiro Lopes. E naquela deram á rua principal o nome do Presidente da Câmara em funções, o já atrás referido capitão Jorge Ribeiro; a outra

o nome do Ministro da Marinha de então Almirante Américo Tomás, etc. Mais tarde em 1974, deu-se a “viradeira” e toca a descobrir novos nomes para substituir os atribuídos no tempo do “Estado Novo”. Não de todos, mas de alguns. Assim se foram: em Santa Luzia o de Salazar, em Cabanas o de Américo Tomás, na Conceição o do General Craveiro Lopes.

Muito obrigado pela vossa atenção.

FICHA TÉCNICA

Edição

Município de Albufeira e Comissão Municipal de Toponímia

Título

2^{as} Jornadas de Toponímia de Albufeira

Tiragem

250 exemplares

Ano

2009

Design Gráfico

Logicamente

Impressão

Agradecimentos

O Município de Albufeira e a Comissão Municipal de Toponímia agradecem a todos aqueles que colaboraram com os textos e investigação destinadas a esta publicação

